

SUBORDINAÇÃO E COORDENAÇÃO DE TERMOS

ALEXANDRA SOARES DE OLIVEIRA¹; PAULA FERNANDA EICK CARDOSO²

¹*Universidade Federal de Pelotas – alexandrasoares.ao@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – paulaeick@terra.com.br*

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho fez-se uma revisão bibliográfica acerca da subordinação e da coordenação de termos existentes numa oração. A pertinência do trabalho se dá no intuito de refletir sobre os estudos deste tópico, pois somente se estuda (e aparecem nos livros didáticos) os processos de subordinação e coordenação relacionados à oração como um todo. Essa revisão bibliográfica servirá como subsídio para uma pesquisa empírica que pretende investigar os índices de emprego desses dois processos sintáticos em 20 redações produzidas por alunos do ensino médio. A hipótese preliminar é a de que a coordenação seja o processo preferencialmente empregado pelos autores dos textos. Pretende-se realizar tal investigação a fim de verificar o nível de amadurecimento linguístico que tem sido proporcionado pelas aulas de língua portuguesa aos alunos da rede pública de ensino.

2. METODOLOGIA

Para a elaboração do trabalho, reuniu-se uma parte do incansável trabalho que Mario Perini dedica às orações coordenadas e subordinadas em sua “Gramática Descritiva do Português” juntamente com a proposta que Flávia Carone apresenta em seu livro “Subordinação e Coordenação – Confrontos e Contrastes”. Além disso, obteve-se 20 redações produzidas por alunos do ensino médio, as quais servirão como “corpus” para a análise linguística que se pretende empreender.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Flávia Carone propõe em seu livro “Subordinação e Coordenação – Confrontos e Contrastes” a existência de subordinação e coordenação entre **termos** da oração e não somente entre **orações**. Neste sentido, observa-se a existência de uma relação de dependência entre dois elementos que se articulam. Assim, como produto, “forma-se um sintagma, construção binária que se fecha sobre si mesma, constituindo uma nova unidade, mais complexa, pronta para articular-se com outra, contraindo com esta uma nova função” (Carone, 1988).

Algumas línguas se caracterizam pela ordem elemento central (surgem) mais elemento subordinado (indícios), outras pela ordem elemento subordinado (a criança) mais elemento central (nasceu), considerando a dominância (raro a exclusividade) de uma ou outra ordem sintagmática. No português, temos o núcleo e o elemento subordinado, “pois os numerosos complementos e adjuntos do verbo e do nome situam-se normalmente à direita destes” (Carone, 1988), como exemplo a autora traz: comprei *frutas no mercado* (complemento e adjunto à direita). No exemplo a *criança* nasceu, o sintagma que representa o sujeito está à esquerda, sendo os que se situam normalmente à esquerda: sujeito, numerais, artigos, pronomes adjetivos e as preposições.

O traço fundamental que caracteriza o sintagma é o binarismo, ou seja, por mais complexo que seja, seus componentes sempre se organizarão e se apresentarão em pares de functivos. A expansão do texto, com a ajuda primordial da subordinação, se dá quando o par (nova unidade) vai se articular com outro par (outra nova unidade) e esse com outro e assim sucessivamente, encadeando ideias, construindo o texto. A autora traz um exemplo bastante pertinente:

- margens + plácidas
- o + Ipiranga
- de + o Ipiranga
- margens plácidas + do Ipiranga
- as + margens plácidas do Ipiranga

Na coordenação, pode haver acréscimo de um elemento sem que haja alteração do quadro sintático a que se incorpora. Teremos subordinação se o elemento incluído tiver função sintática diferente da função do elemento preexistente com que se articula: “construí uma casa”, “construí uma casa de pedra”. Teremos coordenação quando a função do elemento acrescentado é idêntica à de um elemento preexistente no mesmo quadro, de tal maneira que se recuperaria a estrutura do enunciado primitivo se se suprisse o elemento preexistente (e a eventual marca da coordenação), e não se deixasse subsistir senão o elemento acrescentado.

Ele vende móveis. Ele vende e compra móveis. Ele compra móveis.

O elemento acrescentado tem a mesma função que o elemento preexistente e mantém as mesmas relações com os outros elementos do enunciado. Isto é, o quadro sintático primitivo não se alterou. A coordenação, portanto, torna possível uma troca de elementos, por acréscimo de um segundo e supressão do primeiro, bem como da “eventual marca de coordenação” – a conjunção. Infere-se daí que a coordenação nasce do eixo paradigmático, visto que todos os membros de um paradigma poderiam, hipoteticamente, comutar com aquele que está presente em um ponto da cadeia sintagmática.

Essa explicação não parece ser a mais apropriada, visto que se aplicarmos esse mecanismo à subordinação, ela oferecerá, surpreendentemente, o mesmo resultado em muitos casos, como neste:

Comprei sorvete. Comprei sorvete de chocolate. Comprei chocolate (supressão de sorvete de).

O enunciado tem outro sentido, mas a mesma estrutura que o enunciado inicial.

Podemos concluir, provisoriamente, que a coordenação apresenta as seguintes características: a) Os elementos coordenados têm a mesma função sintática; b) Os elementos coordenados pertencem a um mesmo paradigma; c) A coordenação forma sequências abertas, não sintagmas; d) Coordenam-se tanto orações como termos de uma oração.

É possível coordenar termos com valor de substantivo, de advérbio e de adjetivo – qualquer que seja sua estrutura. Seriam estas as possibilidades de coordenação:

Compra e vende; ganhou mas não levou; ou vai ou racha.

O gato e o rato; tudo ou nada; eu e você; isto ou aquilo.

Hoje e amanhã; cá ou lá; de tarde ou de noite.

As orações coordenadas são distribuídas nas gramáticas com base em diferenças: lógico-semânticas: aditivas, alternativas, adversativas, conclusivas, explicativas; mas, quando se fala em sequência aberta, só as duas primeiras são mencionadas. Se atentarmos para as conjunções do grupo mas/pois/logo, torna-se

evidente que eles organizam os coordenados em pares – quer dizer, trata-se de um procedimento sintático de estruturação binária. Qualquer dessas conjunções (e suas variantes), ao acrescentar uma expansão a um termo preexistente, cria um novo par, que também se fecha, à maneira do sintagma formado por subordinação.

O predicativo composto, na frase “Deus é bom, mas justo”, forma uma construção idêntica à do sintagma: é binária e fechada. O segundo termo, que se opõe ao primeiro pela adversativa “mas”, fecha decisivamente a construção, eliminando a hipótese de uma sequência aberta. Estaria igualmente fechado o par se a frase prosseguisse: “Deus é bom, mas justo e severo” – em que severo se liga a justo por adição, constituindo uma só unidade em oposição a bom.

Na subordinação de orações, é uma opção do falante expor seus pensamentos de um em um, à medida que lhe ocorrem, sob a forma de orações absolutas. Assim fazem as crianças quando embora pouco hábeis no manejo da língua escrita, embora já o sejam bastante quando se expressam oralmente. Nascem, então, aquelas composições infantis do tipo “Eu tenho um cachorro. Meu cachorro é muito bonito. Eu gosto do meu cachorro”. Mas o sistema linguístico põe à disposição do falante variada gama de recursos para relacionar ou fundir orações entre as quais ele tenha percebido pontos de contato. Com mais algum treino, aquela criança escreveria “Eu tenho um cachorro que é muito bonito”.

Carone procura explicitar a função da coordenação e sua diferença gramatical com a subordinação revendo o que a coordenação *não* faz, já que ambas estabelecem relações lógicas e instauram sintagmas binários. Em primeiro lugar, ela não estrutura internamente a frase, essa é uma tarefa específica da subordinação. Em segundo lugar, ela não transfere uma oração de maneira a conferir-lhe um valor de substantivo, ou de adjetivo, ou de advérbio; não insere uma oração em outra; não reduz uma oração a termo de outra.

Não há uma clara discussão a respeito da situação da conjunção subordinativa, que se articula em primeiro lugar com sua oração, para realizar toda aquela tarefa complexa: miniaturizar, transferir, inserir. O que se diz da conjunção coordenativa, porém, começa a suscitar problemas. Primeiro, se parte da hipótese de que a conjunção coordenativa se articula com C2, à qual pertence: esse conjunto forma uma unidade que vai agora, como um todo, articular-se a C1. A fórmula, neste caso, será diferente: C1 + (conjunção + C2)

Apagou a luz + (e + fechou a porta)	Fale agora + (ou + cale-se para sempre)
Ganhou + (mas + não levou)	Penso + (logo + existo)

Carone, dentre outros argumentos, traz dois muito pertinentes que afirmam essa hipótese: 1. A maior parte das conjunções coordenativas é dotada de mobilidade, podendo localizar-se no início, no meio ou no final da segunda oração – jamais na primeira.

Duvido de ti; portanto, não insistas em convencer-me.

Duvido de ti; não insistas, portanto, em convencer-me.

Duvido de ti; não insistas em convencer-me, portanto.

2. De um ponto de vista semântico, é óbvio que a conjunção pertence a C2.

“Parece santo, mas é um demônio”, a oração que vem opor-se à primeira traz consigo a marca adversativa. O mesmo acontece com os demais traços significativos da coordenação: adição, alternância, explicação, conclusão.

Avançou para o inimigo e derrubou-o com um soco.

Siga a trilha ou considere-se perdido.

José deve ter morrido, pois todos estão chorando.

Seus conselhos são malucos; portanto, não os ouça.

Mario Perini procura conceituar a subordinação no exemplo: “Titia disse que nós desarrumamos a casa”, sendo que a oração “que nós desarrumamos a casa” está inserida dentro da anterior “Titia disse” [algo]. A transitividade do verbo dizer é uma razão para Perini fazer uso deste tipo de análise, ou seja, o verbo em questão necessita de um complemento direto: “Titia disse algumas asneiras”, “*Titia disse.”. “Que nós desarrumamos a casa” cumpre a função, portanto, de OD. “Em casos como esse, em que uma oração faz parte de um termo de outra, falamos de subordinação; assim, a oração menor, ‘nós desarrumamos a casa’, é a oração subordinada; e a maior, ‘titia disse que nós desarrumamos a casa’, se denomina oração principal. A subordinação é um dos dois processos principais de montagem de orações complexas” (Perini, 1995).

Na coordenação, Perini utiliza o exemplo “Titia fez a salada e mamãe fritou os pastéis”, e afirma que nenhum de seus constituintes parece “pertencer” ou “estar dentro” de um termo da oração anterior. “Titia fez a salada” e “mamãe fritou os pastéis” são duas orações independentes, estão coordenadas e são, sintaticamente, equivalentes. Perini também propõe a coordenação e subordinação entre *termos*. Nos exemplos de Perini, o que foi visto até agora se relaciona com *oração*. Porém essas noções também se aplicam a outras formas sintáticas, como no sintagma: Pedro e Simão, “podemos dizer que há dois SNs, Pedro e Simão, coordenados um ao outro e formando, em seu conjunto, um SN maior, Pedro e Simão” (Perini, 1995). Em *a filha do vizinho*, tem-se o sintagma nominal *o vizinho* que faz parte de um sintagma nominal maior *a filha do vizinho*. Aqui se encontra um típico caso de subordinação de termos.

4. CONCLUSÕES

Com este trabalho inferiu-se que, ao se expressar, o falante tem inúmeras opções dentro de seu repertório linguístico e estas se organizam sintaticamente para conceber o sentido completo e desejado pelo locutor. É com essa organização sintática, ou seja, com as combinações possíveis que existem na língua, que os termos da oração se juntam no enunciado se subordinando a outros ou sendo equivalentes para tecer coerência e fundamento no que se quer transmitir, isto é, para a comunicação resultar no efeito desejado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARONE, F. **Subordinação e coordenação. Confrontos e contrastes.** São Paulo: Ática, 1988.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português.** São Paulo: Ática, 1995.
- BAGNO, M. **Português ou Brasileiro?** São Paulo: Parábola, 2001.
- BISOL, L. **Predicados complexos do português.** Rio Grande do Sul: Formação e co-edições UFRGS, 1975.